

A ETNICIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO NA IMPRENSA PORTUGUESA

SÓNIA PIRES

Universidade Fernando Pessoa

ABSTRACT

É hoje sobejamente conhecido o papel preponderante dos meios de comunicação social na formação, estruturação e perpetuação de estereótipos que perfazem parte dos processos cognitivos organizadores de uma sociedade. Para podermos obter, entre outras coisas, uma imagem da receptividade da sociedade portuguesa face a grupos sociais que não se encontram no seu "mainstream", a análise crítica dos discursos da imprensa averiguou-se de uma pertinência metodológica fundamental. Foi, por conseguinte, efectuada uma análise da imprensa portuguesa entre os anos 1993-1996, nomeadamente de três suportes jornalísticos, o *Público*, o *Correio da Manhã*, o *Expresso*; e seus discursos e temáticas face aos Africanos provenientes dos PALOP e face aos portugueses de etnia cigana. O que este artigo nos sugere é a existência de um processo de etnicização de grupos minoritários na imprensa portuguesa, que de um processo de narrativa jornalística factual centrada nalguns tópicos/estereótipos se reorganizou num processo de tratamento dos grupos considerados como um problema social.

Palavras-chave: Imprensa, Estereótipos, Africanos, Ciganos, Etnicização.

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Conhecer e avaliar as representações dos portugueses face aos Africanos e aos Ciganos é analisar, entre um leque alargado de possibilidades, os procedimentos do discurso existente nos meios de comunicação social, nomeadamente, na imprensa. Esta questão analítica remete para o campo mais alargado das ideologias, que Stuart Hall utiliza para referir "aquelas imagens, conceitos e premissas que oferecem os quadros através dos quais representamos, interpretamos e compreendemos a alguns aspectos da existência social" (1995: 18). É hoje inquestionável a influência dos *Media* na estrutura social e o reflexo da mesma estrutura nas narrativas jornalísticas (Tajfel, 1982; van Dijk, 1993; Jodelet, 1994); o que nos obriga referir que linguagem, se bem que distinta da ideologia em si, é, por definição, o principal meio de elaboração dos discursos ideológicos (Hall, 1995).

Um dos meios de formação das cognições socialmente partilhadas é através da produção e da difusão de representações sociais, entendidas como uma forma de conhecimento, elaborada e partilhada socialmente, cujo objectivo é a construção de uma realidade comum a um conjunto social (Jodelet, 1994). De entre as representações sociais, destacam-se os estereótipos que emergem de um processo de simplificação e de categorização da complexidade social. Ajudam, de acordo com a conceptualização de Tajfel (1982), a transformar diferenças menos claras entre grupos em diferenças mais nítidas, ou então criar diferenças onde não existem. Essa forma cognitiva de apreensão da realidade socialmente partilhada e construída é frequentemente usada no discurso jornalístico. É, de facto, uma ferramenta extremamente útil para moldar a realidade, através da simplificação e cristalização da informação, entendida como uma "estratégia discursiva esteticizante" (Queiroz, 1996). Algumas das consequências do recurso aos estereótipos são aqui discerníveis, por um lado, a diminuição da complexidade do "outro", e por outro lado, a fixação de imagens sociais. De acordo com David Croteau e William Hoynes (1997), os grupos raciais são medidos de acordo com o ponto de referência dos "brancos", o que acarreta um processo de estereotipização que muito pouco ou nada tem a ver com as realidades dos diferentes grupos raciais¹⁸⁹.

¹⁸⁹ Os estudos centrados na temática da etnicidade têm relegado para segundo plano o conceito de « raça », conceito este negativamente conotado e substituído pelo de

Juntamente com a divulgação de cognições sociais redutoras e simplificadoras, os meios de comunicação social reduzem a abordagem ao social através da chamada tematização, isto é, divulgação de uma informação ou tema somente quando está na agenda do poder político ou do conjunto dos *Media* (Figueiras e Policarpo, 1996).

Podemos, por conseguinte, verificar que os discursos jornalísticos, baseados nos dois processos acima referidos, reflectem os interesses, preconceitos e clichés do público que servem (Hall, 1995; Croteau e Hoynes, 1997). Há, como que um processo de feed-back constante entre os *Media* e os públicos, integrados num sistema mais amplo, que é a sociedade. Contudo, os efeitos cognitivos diferem de público para público. A distribuição social do conhecimento é diferenciada de acordo com a variabilidade da recepção do discurso mediático (Bonnafous, 1991), onde os gostos sociais (Bourdieu, 1984) explicariam, entre outros factores, a disseminação do conhecimento e o tipo de tematização e processos de categorização operados por um determinado meio de comunicação social.

Torna-se, por conseguinte, pertinente uma análise crítica dos discursos¹⁹⁰ narrativos jornalísticos, que, segundo Klaus Jensen (1995) e numa terminologia semiótica, são bons exemplos da geração de interpretações e interpretadores que predispõem os públicos a agir no seu contexto histórico e social. Os estudos do discurso têm como base as correntes estruturalistas e o trabalho de Michel Foucault (1972), que efectuou uma aproximação do "discurso" como um nível intermédio de produção de significado ou de sentido entre textos individuais e a cultura como um todo. Para além do discurso existente no texto, os géneros, definidos pela composição formal, pelo tipo de assuntos, pelos conceitos ou pela esfera social definida, e entendidos como veículos de representação, expressão e transmissão, são um bom ponto de estudo na

eticidade. Para alguns investigadores (Sollors, 1986; Fitzgerald, 1992) a separação categórica entre raça e etnicidade levou a falsas generalizações.

¹⁹⁰ Num extenso estudo dos discursos jornalísticos sobre a imigração em França, Simone Bonnafous demonstra que as formas discursivas adoptadas pelos jornalistas, mais do que os argumentos, têm uma eficácia ideológica determinante, o que leva a autora a privilegiar uma definição do termo "discurso" que se opõe a um concepção ingénua da função informativa da comunicação, segundo a qual o acto de informar consistiria em "dar a conhecer a um destinatário a existência e as qualidades de uma referência exterior ao processo de comunicação, e independente tanto do emissor como do receptor" (1991: 17); ver também Riggins (1997).

análise da comunicação em massa como prática cultural, tendência de investigação também chamada de *Communication Research* (Cunha, 1996).

O que este artigo apresenta é uma análise exploratória, baseada na tese de licenciatura em Sociologia pela Universidade de Coimbra (1997), dos discursos existentes na imprensa portuguesa sobre populações de origem africana e população portuguesa de origem cigana. Torna-se necessário elucidar aqui que a análise do discurso veiculado sobre ciganos tem pertinência teórica na interpretação da implementação de imagens sociais de grupos imigrantes e/ou estrangeiros, pelo facto de que a presença de minorias preexistentes, caso dos ciganos, tem ajudado a moldar a estrutura social e as atitudes que subjazem à criação das imagens sociais em relação aos grupos referidos (Castles e Miller, 1993).

A categoria "africanos" é frequentemente usada para referir grupos de pessoas de origem africana, nomeadamente provenientes dos Países de Língua e Expressão Portuguesa, que podem estar ou não numa situação de imigração. Como sublinham com clareza Fernando Machado (1994) e Maria Baganha e Pedro Góis (1999), a situação da imigração em Portugal é ainda relativamente desconhecida pelo facto de que, entre muitos outros factores, não se delimitar com coerência empírica e conceptual um conjunto de pessoas numa situação de imigração. Contribuíram à opacidade referida os processos de descolonização que levaram à formação de "retornos involuntários" de nacionais portugueses de ascendência africana e seus descendentes, conceptualizados e entendidos pelos meios de comunicação social como imigrantes (Guibertif, 1991). Com isto, e seguindo de perto a definição adoptada por Isabel Ferin Cunha (1996), tomarei como referência categorias sociais designadas na imprensa de africanos, imigrantes ou não, provenientes dos PALOP.

2. OBJECTIVOS ANALÍTICOS E METODOLOGIA

O objectivo que me proponho seguir é analisar as narrativas discursivas jornalísticas divulgadas na imprensa periódica portuguesa de grande circulação relativas às categorias sociais "Africanos" e "Ciganos" em Portugal.

A análise foca-se principalmente nos conteúdos semânticos (como as temáticas mais frequentemente utilizadas e o vocabulário utilizado). O estudo tem um carácter exploratório, na medida em que procura identificar a construção e perpetuação de estereótipos com base em hipóteses de natureza

intuitiva/indutiva e com base na constatação da existência na imprensa de imagens e estereótipos negativos das comunidades africanas (França et al., 1992). Interessa-nos averiguar a forma como os diferentes locutores colectivos que constituem os jornais se orientam a priori perante o “Outro”¹⁹¹.

Assim, a metodologia utilizada é uma análise de conteúdo, onde se procurou extrair categorias analíticas a partir de estudos anteriores (Guibentif, 1991, van Dijk, 1993) e a partir da leitura das peças seleccionadas (Krippendorff, 1986).

Foi, portanto, um *Corpus* organizado com base no trabalho de selecção e recorte de jornais e diários de âmbito nacional, a saber, o *Público*, o *Correio da Manhã* e o *Expresso*. Esse levantamento tem uma amplitude temporal que decorre entre os anos 1993 e 1996, sendo, no entanto, incompleta a recolha das peças do jornal *Público* no ano 1996 devido a atrasos legais no depósito da hemeroteca frequentada.

O critério de selecção das fontes prende-se com a referência dominante, em termos qualitativos e quantitativos, do jornal *Público* e do semanário *Expresso*, e com a pertinência analítica da possível comparação do *Público* com o *Correio da Manhã*, nomeadamente no tipo de tematização agendada e o tipo de disseminação do conhecimento dos temas e dos públicos. Limitei a recolha dos géneros jornalísticos à reportagem/destaque e notícia/breve, a fim de poder levantar as imagens sociais “objectivadas”, se bem que sempre subjectivamente construídas, e, com isso, discernir uma possível tipologia de estereótipos, abstraindo-me dos tipos jornalísticos ligados à opinião pública, que aliás já mereceram uma primeira abordagem científica (Cunha et al., 1996). Contudo, esta pesquisa acarreta uma evidente limitação analítica na medida em que, reportando-se aos anos compreendidos entre 1993 e 1996, não é possível averiguar a provável evolução das representações dos africanos/ciganos em Portugal neste últimos anos.

¹⁹¹ Muitos investigadores (Cit. in Riggins, 1997) referem-se aos grupos étnicos como os « Outros », concepção que decorre da separação existente nas ciências sociais modernas entre o grupo que refere e o grupo referido. Os discursos do “Outro” são articulados pelos grupos maioritários como pelos grupos minoritários. Os “Outros” não são apenas os grupos desvalorizados, marginalizados ou silenciados pelos grupos dominantes. Contudo, por razões políticas e outras, a maior parte dos estudos académicos e dos tratamentos jornalísticos concentram-se na construção do “Outro” efectuada pelos grupos dominantes.

Relativamente aos critérios de selecção dos textos, decidi restringir a recolha de acordo com duas limitações: a não inclusão de textos dedicados a individualidades (Caso Vuvu, por exemplo) e ao tema da ilegalidade por necessitarem, a meu ver, de uma abordagem diferenciada, e a inclusão dos textos que abordam os Africanos/Ciganos como tema principal, enquanto categoria social.

Deparei-me, portanto, com um *Corpus* constituído por 209 peças jornalísticas, cuja análise por decomposição semântica permitiram a extracção de três grandes temas: condições materiais de vida, criminalidade e relações inter e intra-comunitárias, que descrevemos de seguida.

3. AFRICANOS E CIGANOS NA IMPRENSA PORTUGUESA

3.1 AFRICANOS

	1993	1994	1995	1996	Total
Expresso	7	4	5	2	18
Público	17	5	8	2	32
Correio da Manhã	17	13	23	15	68
Total	41	22	36	19	118

Quadro 1 - Número de peças jornalística por ano e por jornal/semanário

De acordo com os dados apresentados acima, é possível constatar que a tematização dos Africanos em Portugal prende pouco a atenção da agenda dos respectivos suportes mediáticos. Não é possível estabelecer pesos comparativos à falta de informação. Contudo, os poucos números de artigos, cento e dezoito peças em quatro anos, permitem concluir que cada jornal diverge nos seus interesse públicos, e por conseguinte, o público que serve. O *Correio da Manhã* detém o maior número de artigos, o que se explica pelo facto da maior parte das peças extraídas são do tipo breve, tipo este explorado com mais insistência, por ser o suporte genérico que melhor enquadra o relato de notícias escandalosas e extraordinárias pouco desenvolvidas.

Na unidade semântica das condições materiais de vida incluímos quatro subcategorias: condições de habitação, condições de saúde, inserção no mercado de trabalho e inserção dos filhos no sistema de educação.

Os elementos cognitivos referentes aos relatos das condições de habitação e da inserção no mercado de trabalho são constantes e pormenorizadas, com o apedrejamento de adjetivos e figuras de estilo. A imagem fixada é claramente uma imagem de pobreza, exclusão, marginalidade e exploração laboral.

As expressões que sobressaem quanto às condições de habitação são as seguintes: "pobres", "degradados", "autênticas ilhas étnicas", "bairros sociais", "guetos". São expressões referenciadas no *Público* e no *Expresso*, jornais que maior número de peças produziram nestes dois temas. A pertinência que as implicações possuem nos discursos jornalísticos permite constatar que, ao longo da construção semântica das peças, não houve uma comparação com extractos populacionais não africanos, o que sugere uma evidente construção pobreza/africanos e/ou imigrantes.

As peças relativas ao tema da inserção no mercado de trabalho recorrem também elas a descrições pormenorizadas das condições de trabalho e das relações laborais. O vocabulário usado não difere muito entre os três jornais analisados, no *Expresso*, destacam-se os seguintes termos: "sobreexploração", "abusos", "intrincadas redes de empreiteiros", "subempreiteiros", "subsub-empregados", "lei da selva nas relações de trabalho". No *Público* encontramos as seguintes expressões, "esquemas que permitem lucros", "desregramento do mercado de trabalho", "submundo dos alugadores de mão-de-obra", "bolsa de mão-de-obra". Por fim, no *Correio da Manhã*, destacamos os excertos seguintes: "empresas de construção civil fantasmas", "escravidão", "à espera do novo ciclo da escravidão", "exploração desenfreada dos cidadãos mais desprotegidos deste país: os imigrantes clandestinos". A imagem veiculada apresenta os africanos, com destaque para a categoria dos imigrantes clandestinos, como indivíduos que carecem de apoio logístico e social, mas que, e isto referido por diversas vezes, são uma necessidade como mão-de-obra na construção civil. Não foi estabelecido em nenhuma peça jornalística uma relação entre imigração e ameaça ao postos disponíveis no mercado de trabalho nacional, contudo, no *Expresso* do 19/02/94, é citada uma personalidade política, o deputado Vera Jardim, que procura desmentir o argumento do Governo vigente da "restrição da imigração dos africanos para defender o trabalho para os portugueses".

As condições de saúde vividas pelos africanos e/ou imigrantes são relacionadas com as condições de habitação e com a falta de medidas governamentais, o que é interessante, pelo facto de que as causas dos problemas são geralmente associadas às minorias (van Dijk, 1993). A associação raça/etnia e

doenças específicas é efectuada uma única vez, não pelo próprio jornalista, mas através da transcrição de uma entrevista ao então Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Administração Interna, Carlos Encarnação, onde sobressai um discurso xenófobo, com explícita relação entre imigração clandestina e doenças contagiosas (*Expresso* do 22/10/94).

Existe ainda uma relação de causalidade entre as condições materiais vividas pelos africanos e as condições de adaptação dos seus descendentes no sistema educativo português. Transparece ao longo da narrativa uma imagem de reprodução social das condições de vida pais-filhos e uma imagem de circularidade dos percursos de vida e das condições adaptativas. A descrição do comportamento dos filhos de africanos, chamados erroneamente ou não de segunda geração de imigrantes¹⁹², é pautado pelo insucesso escolar, sinónimo, para alguns jornalistas, de estigma (*Expresso*, 20/02/93). Numa ocasião é ainda efectuada a comparação vivida por estes jovens com os seus pares provenientes da população portuguesa, subentende-se branca e pobre (*Expresso*, 20/02/93). Relativamente às causas apontadas, a maior parte delas está relacionada com as minorias em si e suas condições de vida, a saber, condições socio-económicas, habitação em bairros degradados, bairros estes que provocam o surgimento de "escolas-gueto", uma falta de interesse das minorias pela escola, as necessidades educativas especiais associadas a estes jovens e a falta de recursos culturais, nomeadamente o deficiente domínio da língua e cultura portuguesa. Em duas ocasiões (*Expresso*, 20/02/93 e 08/06/96) são apontados os programas escolares como inadequados para uma população heterogénea social e culturalmente. Este facto parece-nos inovador na medida em que é habitual neste tipo de peça jornalística e de acordo com Teun van Dijk (1993) associar problemas sentidas pelos filhos de imigrantes e/ou minorias étnicas às características intrínsecas ao grupo de origem. As relações aluno/professor, aluno/aluno e professor/pai são descritas como difíceis devido precisamente a diferenças culturais, subterfúgio comum nos meios de comunicação social.

Relativamente à categoria criminalidade, houve uma junção de duas outras categorias que prenderam a nossa atenção pelo tratamento destacado, as categorias "gangs" e "tráfico de droga e armas".

¹⁹² Não me compete neste estudo referir os debates conceptuais existentes em torno do conceito. Para uma melhor compreensão do caso dos chamados "africanos" em Portugal, ver Machado, 1994.

Antes de pormenorizar a análise de conteúdo, verificou-se que esta categoria é sobejamente explorada pelo jornal *Correio da Manhã*, 37 peças num total de 54; o *Expresso* apresenta o menor número de peças jornalísticas, e o *Público*, por seu lado, está numa posição intermédia. É possível concluir que o tema da criminalidade não entra com frequência na agenda e no processo de tematização dos meios de comunicação referidos, com excepção do *Correio da Manhã*.

A análise de conteúdo permitiu tecer algumas observações. As causas da criminalidade apresentadas pelo articulista são todas elas ligadas às condições de vida, materiais e outras, dos actores do crime relatado, com destaque para a falta de integração entre africanos e / ou imigrantes e seus descendentes. Num caso, e parafraseando um agente policial, apresenta-se um nexos de interpretação origem africana / criminalidade: "estas pessoas principalmente as de origem africana, estão habituadas a viver em guerra e os seus costumes são muito peculiares" (*Correio da Manhã*, 08/09/95). Tal como concluiu Teun van Dijk (1993), na imprensa portuguesa analisada, as causas ligadas ao crime remetem para questões de diferenças, que podemos categorizar como étnicas.

A situação vivida no local do crime é comparada inclusive com cidades dos Estados Unidos (*Correio da Manhã*, 17/07/95).

Em duas ocasiões foi possível averiguar uma implicação directa entre imigração e criminalidade no jornal já citado, "doze procuram soluções para imigração e crime" (*Correio da Manhã*, 29/11/93), "Oeiras coordena o programa sobre imigração e a insegurança" (*Correio da Manhã*, 20/10/95).

Os relatos da imprensa sobre crimes não escapam à forma subtil da informação "sobrecomplementada" usada nas notícias sobre crimes, como a menção da origem nacional, da cor ou etnicidade dos actores.

O subtema dos "gangs" prendeu a nossa atenção pelo seu destaque na imprensa com títulos, muitas das vezes, eufóricos e/ou disfóricos (Cunha, 1996). Ao longo das peças, explora-se veementemente a origem nacional dos membros dos grupos criminosos: "pertencem à segunda geração dos imigrantes africanos", "entre 13 e 25 anos", "africanas", "a maior parte clandestinas", "jovens de cor", "nasceram em Portugal e por isso são cidadãos nacionais. com estatuto e direitos. Pena é que esqueçam os deveres" (*Correio da Manhã*, 11/09/94).

A organização interna dos grupos e a sua actuação são alvo de tratamento diferenciado de acordo com o suporte jornalístico, denotando uma falta de coerência e de sólidos conhecimentos sobre o assunto por parte do jornalista. Enquanto que o *Expresso*, por diversas vezes (08/05/93; 04/09/93), descreve os "gangs" como grupos altamente organizados, o *Público* (26/03/95), por seu turno, e citando responsáveis policiais, levanta a questão de se saber se realmente existem "gangs" na verdadeira acepção da palavra. O *Correio da Manhã* utiliza o conceito de forma indiscriminado a fim de chamar a atenção dos leitores, nomeadamente nos títulos das notícias breves.

Os sentimentos provocados pela actuação de "gangs" são de medo, insegurança, psicose e far-west. Contudo, o *Público* procura distanciar-se das reacções imediatas e explicar as ondas de insegurança pelo medo do "outro" (26/03/95), indo, mais uma vez, procurar a causa do problema no confronto habitual "eu"/"outro", de que se revestem as questões étnicas.

Os crimes de tráfico de droga e de armas são explorados uma vez mais pelo *Correio da Manhã* e num artigo do *Expresso*. A categoria dominante já não é o africano mas o actor de nacionalidade cabo-verdeana. A imagem que se obtém dos relatos é a de um pequeno traficante de drogas duras, heroína e cocaína, que actua nos bairros degradados com presença africana, sendo que o tráfico de armas vem no prolongamento do tráfico de drogas. Mais uma vez, as associações implícitas remetem sempre para as condições inerentes à situação de africano/imigrante/cabo-verdeano e à clandestinidade de alguns elementos. As atitudes dos africanos e/ou imigrantes em relação às ocorrências criminosas não são referenciadas pelo jornalista e poucas vezes obtêm-se citações dos actores africanos e/ou imigrantes, o que, para alguns especialistas na matéria (van Dijk, 1993), significa tratar-se de uma forma séria de discriminação simbólica.

As relações inter e intra-comunitárias referem-se a duas temáticas dominantes, conflitos sociais população portuguesa/população africana, relações intra-comunitárias.

Os conflitos entre população portuguesa e população africana, abordados maioritariamente pelo *Público* e pelo *Expresso*, são cometidos e desencadeados pelos indivíduos portugueses, que protestam perante acções de realojamento ou que cometam actos de violência contra pessoas de origem africana acusadas de roubo. As causas apontadas pelos jornalistas são os preconceitos e ideias generalizadas de associação entre delinquência e

imigrantes africanos e seus filhos. Este processo de ênfase e tematização nas explicações do conflito social que se reflectem negativamente na população portuguesa, neste caso a discriminação, é inovador, na medida em que, e recorrendo novamente aos exemplos relativos à imprensa estrangeira, existe, na generalidade, o processo inverso.

Do convívio intra-comunitário, retivemos as relações familiares, os conflitos e as relações de vizinhança. As relações familiares e os conflitos são sobretudo explorados pelo *Correio da Manhã*, onde os acontecimentos étnicos são tematizados, isto é, o que é focado são precisamente as acções negativas, como a violência nas relações conjugais, as infidelidades e relações conflituosas entre pessoas de origem africana. Repara-se que a nacionalidade que predomina nos relatos é novamente a nacionalidade caboverdiana.

As relações de vizinhança nos bairros são descritas em termos etnográficos e folclóricos, o que indica simpatia e cumplicidade por parte do jornalista perante as formas de convívio entre indivíduos de mesma nacionalidade. Existe, portanto, um lado bom na imagem do africano, lado este descrito de forma a sublevar a dignidade simples e a nobreza primitiva da cultura de origem do africano em Portugal¹⁹³.

3.2. COMUNIDADES CIGANAS PORTUGUESAS

Nesta categoria foram recolhidas noventa e uma peças jornalísticas, cuja análise da distribuição por jornal e por ano revelou duas situações; por um lado, o *Correio da Manhã* apresenta o maior número de peças, seguido do *Público* e por fim do *Expresso*, com um número irrisório de três artigos; por outro, constata-se que os anos de 1993 e 1996 têm o maior número de artigos, situação que se deve ao facto de se ter presenciado, nesses anos, fortes conflitos entre a população local portuguesa e comunidades ciganas, o conflito desencadeado em 1993 pela presença de famílias ciganas na vila de Ponte de Lima e em 1996 pela presença de uma família cigana em Oleiros.

¹⁹³ De acordo com Stuart Hall existe uma certa ambivalência das imagens divulgadas sobre os africanos nos meios de comunicação social, que decorre de uma concepção do « Outro » feita de primitivismo e proximidade à Natureza (1995:22).

	1993	1994	1995	1996	Total
Expresso	1	-	1	1	3
Público	11	6	4	12	33
Correio da Manhã	13	11	9	22	55
Total	25	17	14	35	91

Quadro 2 - Número de peças jornalísticas por ano e por jornal/semanário

Segui o mesmo tipo de procedimento metodológico que usei em relação à presença de africanos na imprensa, com três categorias salientes, condições materiais de vida, criminalidade e relações inter e intra-comunitárias.

Relativamente às condições materiais de vida, as descrições não diferem muito das efectuadas para os africanos. Assim, recorre-se a uma pluralidade de adjectivos e termos semânticos que pretendem descrever um quadro de pobreza e insalubridade. As causas apontadas para as condições de habitação deficientes estão ligadas a uma característica intrínseca à condição de cigano, a saber o nomadismo. As comparações utilizadas, como figura de estilo mais frequente, remetem para situações de selvajaria, "barracas/campismo selvagem" (*Público*, 25/05/93) e "vida miserável e quase selvagem de duas famílias" (*Público*, 20/04/94). As acções relativas ao governo são também exploradas em algumas mas poucas ocasiões, nomeadamente pelo *Público* (28/06/93), onde o jornalista acusa os governos de desinteresse pela condição de vida das comunidades ciganas portuguesas.

As notícias relativas à criminalidade prendem-se principalmente com o tráfico de droga, estereótipo, que se constatou ser frequentemente associado à comunidade cigana num dos suportes mediáticos analisados. Com efeito, esta tematização, efectuada pelo *Público* e pelo *Correio da Manhã*, diverge de acordo com o suporte jornalístico. Enquanto que o *Público* avança com cautela e evita efectuar associações directas, recorrendo às citações de moradores para referir a origem dos traficantes e a fontes diversas e contraditórias, o *Correio da Manhã* prende-se numa narrativa factual, recheada de pormenores descritivos, com uma tónica claramente sensacionalista, como se pode ver no excerto seguinte: "o tráfico e o consumo de drogas cresceram na comunidade cigana e representam uma ameaça à própria existência daquela etnia" (*Correio da Manhã*, 31/08/96). O uso recorrente às implicações, isto é significados ou proposições que não são explicitamente expressas no texto mas que podem ser inferidas das palavras e das frases do texto, indicia um tratamento jornalístico forjado em modelos mentais preconceituosos.

A tematização das relações entre população portuguesa não cigana e população cigana passa pelo relato do conflito, pautado por protestos de populares não ciganos aos acampamentos e realojamentos de famílias de etnia cigana. As causas remetem para o tráfico de drogas, a ameaça para a segurança pública, o ódio ancestral, a discriminação, a má imagem que os ciganos emprestam ao bairro e questões de higiene e saúde pública. Ainda se verificou que as situações de protesto englobam, por ligação implícita entre proposições, as comunidades ciganas e os consumidores de estupefacientes, "Desta vez, não é o ódio aos ciganos e aos consumidores de estupefacientes" (*Público*, 18/06/95).

Já as relações intra-comunitárias são descritas de forma a evidenciar a curiosidade e a simpatia que o jornalista sente pela população cigana. As descrições, que em muito se aproximam dos estudos antropológicos e sociológicos existentes em Portugal (Costa, 1993; Cortesão et al., 1995), são realizadas pelo *Público*, socorrendo-se de destaques e reportagens. São apresentados como pessoas efusivas, alegres e apreciadoras de bons convívios. A mulher é descrita como um elemento determinante no bom funcionamento do clã e da comunidade. Descrevem ainda o funcionamento interno de cada família e de cada clã familiar, onde subsistem regras próprias e leis consuetudinárias, existindo ainda cisões dentro da comunidade cigana, que carece de organização e consciência colectiva. Referem, contudo, o mau entendimento entre famílias e actos de violência resultantes de desentendimentos, explicados em termos de éticas e mentalidades próprias dos ciganos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de Portugal ter reconhecido a sua condição de país de imigração de forma tardia¹⁹⁴, os meios de comunicação social, e em especial a imprensa, têm dado um tratamento temático jornalístico que, em muito, se aproxima de outros países com maior tradição e experiência na imigração¹⁹⁵:

Em diversas países, verificou-se que as notícias sobre assuntos étnicos têm usualmente um número limitado de tópicos/estereótipos:

¹⁹⁴ Refere-se aqui que alguns estudiosos (Baganha e Góis, 1999) consideram o ano de 1981 como o ano charneiro para a passagem de Portugal a país de imigração.

¹⁹⁵ Ver também Croteau e Hoynes, 1997.

- A) imigração, com ênfase especial nos problemas, ilegalidade, fraudes;
- B) crime, com ênfase especial na "eticização" e "racialização" dos crimes, como tráfico de drogas, prostituição, violência, rixas;
- C) diferenças culturais, e especialmente o desvio cultural, como hábitos originais (...) e todos os problemas sociais de relações étnicas que são explicados em termos de propriedades culturais assumidas das minorias;
- D) relações étnicas, tais como tensões étnicas, discriminação, ataques raciais e outras formas de racismo, definidas usualmente como acidentes lamentáveis, geralmente atribuídos à presença ou comportamento das minorias. (van Dijk, 1993: 248)

A análise dos temas abordados aponta para um claro processo de "eticização" e/ou "racialização" não só do tema da criminalidade mas também do tema das relações inter e intra-comunitárias¹⁹⁶, situação esta que atinge não só os Africanos como também os Ciganos. Parece-me que de um mero tratamento factual, se está a passar para uma abordagem assente na construção da imigração e minorias étnicas como um problema social.

Se bem que o jornal *Público* tenha procurado, em diversas ocasiões, abstrair-se de lugares comuns, constatou-se que, na generalidade, existe uma falta de conhecimento e de coerência em torno das categorias sociais Africanos e Ciganos, decorrente ainda dos conflitos de uma comunicação intercultural jornalista/minoria deficiente.

Pareceu-me, por conseguinte, pertinente explorar os estereótipos e representações sociais, que constituem grande parte da base do conhecimento da imprensa, afim de poder, por um lado, descortinar o acolhimento da sociedade portuguesa aos grupos imigrantes e étnicos e, por outro, permitir uma possível alteração das estruturas e dos moldes mentais subjacentes à abordagem descrita.

¹⁹⁶ Como apontou Marco Martiniello (1995), a etnicidade de um grupo ou de uma estrutura social remete para os dois grandes conjuntos de produção de significados, produtores por sua vez de realidades objectivadas, as instâncias oficiais da sociedade de acolhimento – Estado, meios de comunicação social, academia – e a formação subjectiva e auto-consciente do grupo em si.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Madalena e MATOS, Viegas Susana,
1988 O Campo Semântico do Político, *Revista de Ciência Política*, Lisboa, n.º 7/8, pp. 25-43.
- BONNAFOUS, Simone
1991 *L' Immigration Prise Aux Mots*, Paris, Éditions Kimé.
- BORIS, Claude
1975 *Les Tigres de Papier*, Paris, Seuil.
- BAGANHA, Maria e GÓIS, Pedro
1999 Migrações Internacionais De e Para Portugal, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 52/53, Novembro 98/ Fevereiro 99, pp. 229-280.
- CASTLES, Stephen e MILLER, Mark
1993 *The Age of Migration*, MacMillan Press.
- CORTESÃO, Luiza et al.
1995 *O Povo Cigano – Cidadãos na Sombra*, Porto, Edições Afrontamento.
- COSTA, Eduardo Maia
1993 Nómadas ou ... Ciganos?, *Revista do Ministério Público*, 12 (46), pp. 163-178.
- CUNHA, Isabel Ferin et al.
1996 *Os Africanos na Imprensa Portuguesa: 1993-1995*, Lisboa, CIDAC.
- CRATO, Nuno
1989 *Comunicação Social – A Imprensa*, Lisboa, Editorial Presença.
- CROTEAU, David, HOYNES, William
1997 *Media/Society – Industries, Images and Audiences*, London, Pine Forge Press.
- DIJK, Teun van
1993 *Elite Discourse and Racism*, London, Sage Publications.
- ERBOLATO, L.
1979 *Técnicas de Codificação em Jornalismo*, Petrópolis, Editora Vozes.

- FIGUEIRAS, Rita e POLICARPO, Verónica
1996 Opinião Pública ou Opinião Publicada?, in: Isabel Ferin Cunha, *Os Africanos na Imprensa Portuguesa: 1993-1995*, Lisboa, CIDAC, pp. 23-52.
- FITZGERALD, Thomas
1992 Media, Ethnicity and Identity, in: Paddy Scannell et al. (edited by), *Culture and Power, a Media, Culture and Society Reader*, London, Sage Publications, pp. 112-136.
- FRANÇA, Luís de et al.
1992 *A Comunidade Caboverdiana em Portugal*, Lisboa, IED.
- GUIBENTIF, Pierre
1991 A Opinião Pública face aos estrangeiros, in Maria do Céu Esteves et al., *Portugal, país de Imigração*, Lisboa, IED, pp. 63-74.
- HALL, Stuart
1995 The Whites of their Eyes – Racist Ideologies and the Media, in: Gail Dines e Jean Humez (Edited by), *Gender, Race and Class in Media, Text-Reader*, London, Sage Publications, pp. 18-22.
- JENSEN, Klaus Bruhn
1995 *The Social Semiotics of Mass Communication*, London, Sage Publications.
- JODELET, Denise (sous la direction de)
1994 *Les Représentations Sociales*, Paris, PUF.
- KRIPPENDORFF, Klaus
1986 *Content Analysis*, London, Sage Publication.
- QUEIROZ, João
1996 Caso Vuvu o Caso Perfeito, in: Isabel Ferin Cunha, *Os Africanos na Imprensa Portuguesa: 1993-1995*, Lisboa, CIDAC, pp. 53-111.
- MACHADO, Fernando Luís,
MARTINIELLO, Marco
1995 *L' Éthnicité dans Les Sciences Sociales*, Paris, PUF.
- RIGGINS, Stephen (Edited by)
1997 *The Language and Politics of Exclusion – Others in Discourse*, London, Sage Publications.

TAJFEL, Henri

1982 *Grupos Humanos e categorias Sociais*, Vol. I e II, Lisboa, Livros Horizonte.

VALA, Jorge

1986 A Análise de Conteúdo, in: Augusto Santos Silva e José Pinto Madureira (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 101-127.